

20 FEV 1991

A patrulha da Tia Alice

P 7

ARNALDO NISKIER

CORREIO BRAZILIENSE

“Olha a postura”!

Tia Alice está sentada na mesa principal do ginásio da Vila Olímpica da Mangueira. Com o seu porte de atleta e os cabelos brancos adquiridos nos muitos anos de lutas, comanda os 30 patrulheiros que dali a instantes irão se formar.

Ela se aproxima de mim e fala baixinho:

“Para quase todos eles, será o única formatura da sua vida. É um momento muito importante, inclusive para os seus orgulhosos familiares”.

A garotada, com idades que variam de 14 a 16 anos, meninos e meninas, desfila pelo ginásio, sob o comando dos que guarnecem as bandeiras. Olhando os seus semblantes felizes, embora sérios, fica em nosso espírito a sensação de que ali se desmente a crença que para as nossas crianças, sobretudo as carentes, só existe abandono e expectativa de delinqüência. A Mangueira dá o exemplo.

O que representa o programa intitulado “Patrulheiros da Mangueira”?

Das 30 mil crianças existentes na região, cerca de mil 200 foram atendidas pela benemérita Tia Alice, uma ex-enfermeira, hoje inteiramente dedicada à tarefa do **patrulheirismo**, cuja síntese pode ser encontrada na trilogia Educação, Recreação, Trabalho.

Depois de um curso de civismo de três meses, em que são ministados também conhecimentos práticos, os jovens são selecionados por empresas cadastradas para serem contratados. É o seu primeiro emprego — e logo se pode imaginar a emoção de cada um deles, com a perspectiva do trabalho e consequente remuneração. Foi assim que conversei com o jovem Eduardo, ainda um pirralho, mas de peito estufado, dizendo que no dia seguinte à formatura se engajaria no serviço.

O efeito desse módulo educativo bem pode ser imaginado. Não só na imensa comunidade mangueirense, da querida escola de samba verde e rosa, mas em outras regiões do Rio de Janeiro, tão rico em exemplos de pobreza e miséria na sua complexa periferia urbana.

Com a formatura de mais uma

turma de meninos da Mangueira, Tia Alice e o empresário José Pinto Monteiro mostram a estatística encorajadora: são 272 formados e 140 já trabalham em 46 empresas fluminenses.

Logo se poderá argumentar que os números são modestos. De fato, é uma experiência que está no seu início e que, pela sua importância, merece todo o apoio, para servir de exemplo à sociedade brasileira, hoje tão inquieta com os rumos que vai tomando a assistência ao menor abandonado (inclusive os crimes que contra crianças são diariamente cometidos, de forma bárbara).

Tia Alice lança um olhar maternal para as suas crianças, pega o microfone e diz com voz firme:

“O homem só se realiza pela educação”.

Os aplausos da plateia mangueirense, misturados aos nossos, não deixaram que ela prosseguisse. Tia Alice chorou conosco!

■ Arnaldo Niskier, da Academia Brasileira de Letras, é membro do Conselho Federal de Educação